

“Onde a saudade vira estrela, A luz nunca se apaga”

Somos poeira de estrelas.

Cada átomo que nos compõe, um dia, já esteve em algum espaço do universo. Em tudo que existe, há carbono, estamos todos interligados por um fio invisível. O universo particular que nós habitamos, o universo que nos cerca. Com suas inúmeras estrelas. Algumas das estrelas que brilham no céu, já morreram, mas estão tão distantes que continuamos a enxergar seu lume.

E é assim com algumas pessoas. Elas nascem em nebulosas, em circunstâncias que nem sempre se explicam. E se vão em supernova, numa explosão poderosa capaz de liberar energia para uma galáxia inteira. Transformando tudo isso num ciclo, num twister universal e intergaláctico.

Este não é um lamento, é um alento. Para que não possamos olhar para o céu e observar o brilho daqueles que se foram, mas para que possamos ter a certeza de que somos estrelas também e que um dia, somos nós que brilharemos no negro véu, no céu infinito.

Saber que dentro de cada menino, um passo pode mudar uma história. Pode fazer história.

E nossa história começa nos passos, no deslizar do sapato de um rapaz. Jhonatan. Do tipo que já nasce vencendo, gingando, se equilibrando na corda bamba da vida. O samba não é só aquilo que move o corpo do bailarino, mas também é família, comunidade. Cria do samba, filho da Nenê. A escola do leste paulistano que pulsa em seu coração, torna o sambista o Narciso negro da Vila Matilde. Menino homem que inspirou e inspira dezenas de jovens que vêem no carnaval, no bailar dos tambores rufantes, o alento pra maldade cotidiana. Jhonatan sabia que era muito, mas mesmo assim sonhava comum. O filho da águia, voou alto. E por todos, admirado. Na águia da Nenê, na águia da Portela, sua estrela brilhava, sem narcisismo. Mas estrelas são imprevisíveis e nele havia tanta energia, que o universo quis pra si aquele que tantas vezes nos contemplou com a sua luz.

Jhonatan hoje é estrela que brilha no coração do André e da Nenê de Vila Matilde

No caminhar da minha história, tem os conselhos de avó. Que alimentam, encorajam. Dona Irene, a vovó Zazá. A grande construtora de mundos. Daquelas pessoas que estão na nossa vida desde quando a gente nem se lembra, a clássica avós dos lanches no final da tarde, das histórias na cadeira de balanço, dos desenhos na TV, uma super-heroína Aquela que cuidava de todos e que deixou de legado exatamente o zelo para com o próximo. Para todas as coisas.

Dona Zazá hoje é estrela que brilha no coração do João Marcello. Mas que com a sua história, ajudou a tecer o fio de toda uma história que nos conecta.

Eu sou Vagalume, eu nasci para brilhar. Minha história já fala por si. Vem chegando o pavilhão da esperança, Alô Vagalume. Vambora minha escola, porque agora é a nossa vez de brilhar! A voz que guia meus versos foi porque aprendi a sonhar, dessas coisas que no coração habita, sem explicação, o samba não precisa de razão. O que faz tantos meninos, de todos os cantos do país transformarem o sonho em realidade? Sossegadamente acompanhei o crescer, o formar. Na voz da Vagalume, a história do Miguel. Meu menino valente, hoje voa, brilha. Somos todos irmãos mais velhos ou mais novos do garoto que compunha, que vimos crescer virtualmente, que ganhou a realidade. Sonho sonhado e realizado com a ajuda de um pai, que lutou, incentivou e ajudou. Somos irmãos uns dos outros, por isso que quando um de nós perde alguém, todos nós também sentimos. Por isso que quando um de nós concretiza um sonho, todos nós ganhamos juntos.

Estamos todos conectados, no universo do carnaval.

Na passarela que desfilo, também vi a história de um menino que fundamenta não só a nossa história, mas toda uma Liga. Cassius Silva de Abreu nasceu com um problema grave no coração e precisava de uma cirurgia já nos dez primeiros de vida foi submetido a uma cirurgia cardíaca. Uma pessoa que nasceu para amar. E amou tudo ao extremo. Dos jogos do Rubro Negro carioca ao Maracanã, ao carnaval da Mocidade Unida da Glória, da Caprichosa Pajelança em Parintins ao chão do Carnaval Virtual, Cassius fez e escreveu a história, na tela do YouTube, no nosso coração. O sambista apaixonado que sabia todas as letras, de todas as escolas, que tinha todas as camisas. Amou tanto que pouco antes de também se tornar estrela, estava esperando justamente, outro coração. Cassius permanece e continuará eterno na história da Liesv, na minha história.

Porque história não se planeja, acontece. Ninguém imagina que virará história e aqui não sou mais um mero Vagalume, sou coleóptero. Inseto da família Elateridae, Phengodidae ou Lampyridae, bioluminescente. Biólogo formado e

aluno de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Ciências Biológicas, Ewerton Fintelman de Oliveira viu a Liesv nascer nesse grande ecossistema próprio, Paraísos, Impérios, Pontes, Boêmios, Bandeirantes, Colibris. Numa época que tinha Estrela do Amanhã, Vila dos Cabanos, Água da Fonte, Altaneiros do Samba. Alucinados do Rio, Amanheça com a gente. Tantas bandeiras, tantas cores, tantas histórias. Que ele escreveu, também compondo, também vivendo. Também cantou entre tantas na grande Latrodectus, a Viúva Negra do carnaval virtual. Quantas vezes ele nos conduziu, guiou, narrou a nossa história e nos fez acreditar que todos somos estrelas, no universo da folia digital.

O biólogo sabia que um dia o carbono de sua matéria, retornaria pro universo e se transformaria em estrela. Será que o sambista sabia que a Rainha Negra teceria a história campeã do seu tão apaixonado torcedor na Vagalume?

Perguntas...Deixa pro Universo. Cientistas da Universidade do Pará e da Universidade da Carolina Ocidental defendem a possibilidade de essa é a última geração a ver Vaga-Lumes. As mudanças climáticas e a devastação de áreas florestais contribuem pra que o pequeno inseto luminoso seja cada vez menos frequente, cada vez mais próximo da extinção.

Eu sou Vagalume, feito estrela, também nasci pra brilhar. E mesmo que um dia eu seja extinto, o lume daquilo que vivi já está escrito nesse Universo